Esforço humano e dom de Deus: a maiêutica da esperança. Análise exegética de Rm 5, 1-5

Human effort and God's gift: The maieutics of hope. Exegetical analysis of Romans 5:1-5

Filipe Henrique de Araújo[1]

Submetido em 12/05/2025
Aceito em 06/12/2025

RESUMO

Esta pesquisa investiga o sentido da esperança cristã, na perspectiva paulina, a partir de Romanos 5,1-5. Em uma sociedade marcada pela existência de injustiças e sofrimentos aparentemente insuperáveis, torna-se imprescindível refletir sobre o necessário testemunho cristão. Neste estudo, demonstra-se que a esperança, virtude teologal, está intimamente relacionada às virtudes morais da perseverança e da maturidade. Assim, a esperança cristã é cultivada tanto pela Graça quanto pelo esforço humano. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa utiliza algumas etapas do Método Histórico-Crítico para analisar Romanos 5,1-5 e, por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico-exploratório, apresenta o comentário exegético da perícope estudada, bem como uma reflexão acerca da maiêutica da esperança.

Palavras-chave: comparação sinótica, Evangelho de João, unção em Betânia.

ABSTRACT

This research investigates the meaning of Christian hope, from a Pauline perspective, starting from Romans 5:1-5. In a society marked by the existence of seemingly insurmountable injustices and suffering, it is essential to reflect on the necessary Christian witness. This study shows that hope, a theological virtue, is closely related to the moral virtues of perseverance and maturity. Thus, Christian hope is cultivated both by Grace and by human effort. To achieve this goal, the research uses some stages of the Historical-Critical Method to analyze Romans 5:1-5 and, through bibliographical-exploratory research, presents the exegetical commentary of the pericope studied, as well as a reflection on the maieutic of hope.

Keywords: Romans, tribulation, perseverance, maturity, Christian hope.

1 Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisas Análise Retórica Bíblica Semítica e do Grupo de Pesquisas Tradição e Literatura Bíblica. E-mail: filipearaujo.scj@gmail.com

1. Introdução

Esperança: qual o seu real sentido em uma sociedade marcada por inúmeras formas de injustiça? Normalmente, ela surge como expectativa de que as pessoas se tornem melhores após alguma tragédia. Todavia, não é isso que se observa. Meses após a pandemia, conflitos armados foram deflagrados mundo afora; durante a própria pandemia, lideranças políticas, entre outras pessoas, deram mostras de desumanidade de diferentes formas. Diante disso, retoma-se a pergunta: o que é ter esperança na sociedade atual?

O objeto material desta pesquisa, Romanos 5,1-5, pode lançar luzes para uma compreensão da esperança que não seja alienada nem superficial. Nesse texto paulino, não há *fuga mundi*, nem a certeza de vitórias fáceis, tampouco se vislumbra alguma forma de utopia ou panaceia. Paulo, de algum modo, apresenta a esperança como uma virtude humana e divina. E o "parto" dessa virtude começa com a constatação do sofrimento inerente à vida cristã.

Desse modo, para lograr êxito na reflexão proposta acerca da maiêutica da esperança cristã, na perspectiva paulina, esta pesquisa utiliza os passos do Método Histórico-Crítico julgados pertinentes, a saber: segmentação e tradução; crítica textual; delimitação, verificação da unidade textual; e crítica da forma. Em seguida, por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico-exploratório, realiza-se o comentário exegético-teológico do texto e uma reflexão acerca da maiêutica da esperança.

2. Segmentação e tradução

A segmentação e a tradução de um texto são o ponto de partida para a exegese de um texto. Através da segmentação, chega-se às menores unidades com sentido. Assim, visualiza-se, previamente, a forma como as orações estão encadeadas, o que contribui para chegar-se à tradução adequada, além de ser uma etapa imprescindível para a crítica da forma. Um aspecto de uma boa tradução é que ela visa a apresentar o sentido literal do texto da língua original na língua de destino. Com isso, o processo comunicativo pode ocorrer e, não obstante a distância histórica e cultural entre autor e leitor, a tradução, se feita corretamente, permitirá o "diálogo" entre autor e leitor (Gonzaga; Araújo, 2023, p. 273).

1a	Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως	Justificados, pois, pela fé
1b	εἰρήνην ἔχομεν[2] πρὸς τὸν θεὸν διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ	temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo,

2 No v. 1b e 2a há diferentes formas verbais de "ἔχω/ter". No v. 1b, no presente, indica-se, nesse caso uma ação habitual, ou seja, ser justificado leva a uma "convivência pacífica" com Deus. Por sua vez, no v. 2a, tem-se o perfeito, indicando uma ação concluída com efeito no presente, ou seja, "no agora", o cristão tem acesso a Deus. Entretanto, a diferença, nesse caso, entre o presente e o perfeito não pode ser expressa na tradução, por isso as diferentes formas verbais foram traduzidas de forma idêntica.

2a	δι᾽ οὗ καὶ τὴν προσαγωγὴν ἐσχήκαμεν [τῇ πίστει] εἰς τὴν χάριν	mediante o qual também temos acesso [pela fé] a esta graça,
2b	ταύτην ἐν ᾗ ἑστήκαμεν	na qual permanecemos
2c	καὶ καυχώμεθα ἐπ᾽ ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ θεοῦ.	e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.
3a	οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν,	Não somente, mas, também nos gloriamos nas tribulações,
3b	εἰδότες ὅτι ἡ θλῖψις ὑπομονὴν κατεργάζεται,	Sabendo, que, a tribulação produz perseverança,
4a	ἡ δὲ ὑπομονὴ δοκιμήν,	a perseverança, maturidade,
4b	ἡ δὲ δοκιμὴ ἐλπίδα.	a maturidade, esperança.
5a	ἡ δὲ ἐλπὶς οὐ καταισχύνει,	E a esperança não decepciona,
5b	ὅτι ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν	pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações
5c	διὰ πνεύματος ἁγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν.	por meio do Espírito Santo dado a nós.

Fonte: texto grego da NA[28] (Nestle *et al.*, 2012), tradução e tabela do autor.

3. Notas de crítica textual

Dado o caráter científico da exegese bíblica, a crítica textual é uma tarefa irrenunciável nos estudos acadêmicos, pois somente assim assevera-se a integridade do objeto material da pesquisa, a perícope. Contudo, a crítica textual ao lidar com os testemunhos textuais antigos não os considera quantitativamente, mas qualitativamente. Isso faz com que a crítica externa, que confronta entre si os testemunhos textuais antigos, goze de maior autoridade sobre a crítica interna, na qual o exegeta examina o texto em si a fim de compreender a origem das variantes. De certo modo, pode-se utilizar a crítica interna apenas nas situações em que a crítica externa não consiga dirimir o problema (Gonzaga; Araujo, 2024, p. 263-264). Já quanto ao peso de cada testemunho textual, este varia de um livro bíblico para outro e recebe maior autoridade os manuscritos mais antigos e com menos corrupções.[3]

No segmento 1b, o texto da NA[28] traz "ἔχομεν/temos" apoiando-se nos unciais **א**[1],

3 Para Romanos, os testemunhos textuais consistentes e que orientam a crítica textual desse trabalho são: Papiros, identificados pelos números sobrescritos: P^{10}, P^{26}, P^{27}, P^{31}, P^{40}, P^{46}, P^{61}, P^{94}, P^{99}, P^{113}, P^{118}. Os códices: **א** (01) Codex Sinaiticus; A (02) Codex Alexandrinus; B (03) Codex Vaticanus; C (04) Codex Ephraemi Syri rescriptus;D (06) Codex Claromontanus; F (010)Codex Augiensis; G (012) Codex Boernerianus; K (018) Codex Mosquensis; L (020) Codex Angelicus; P (025) Codex Porfirianus; Ψ (044) Codex Athous Lavrensis; Códices diversos, identificados apenas pelos números: 048, 0172, 0209, 0219, 0220, 0221, 0278, 0285, 0289; Minúsculos e lecionários diversos, identificados apenas pelos números: 33, 81, 104, 365, 630, 1175, 1241, 1505, 1506, 1739, 1881, 2464, l 249, l 846 (NESTLE-ALAND, 2012, p. *64).

B^2, F, G, P, Ψ e 0220vid.; nos minúsculos 104, 365, 1241, 1505, 1506, 1739c, 1881, 2464; no lecionário *l*846 e em alguns manuscritos da Vulgata. A variante "ἐχωμεν/tenhamos" é atestada pelos unciais ℵ*, A, B*, C, D, K, L, 33, 81, 630, 1175 e 1739*, por alguns manuscritos latinos, pela versão copta de Bohairic e pela versão de Marcião conforme Tertuliano. Ambas as leituras encontram apoio de testemunhos consistentes para Romanos, com a variante "ἐχωμεν/*tenhamos*" tendo uma leve vantagem. Provavelmente, ocorreu o fenômeno de iotacismo, no qual os escribas confundiam vogais com sons semelhantes. Além disso, Paulo nunca usa nas cartas autênticas a forma verbal no subjuntivo. Assim, nessa tradução, optou-se pela forma verbal no indicativo, "ἔχομεν/temos".

A próxima variante está no segmento 2a e é um problema de difícil solução tanto a partir da crítica externa, quanto da interna. De modo que a edição NA[28] apresenta "τῇ πίστει/*pela fé*" entre colchetes, expressando que a opção por manter essa leitura do texto pode ser mudada. Isso se dá porque "τῇ πίστει/pela fé" é omitido nos unciais B, D, F, G e 0220; na versão copta sahídica e nas citações feitas por Santo Ambrósio. Nos unciais ℵ[1] e A lê-se "εν τη πιστει/na fé", a expressão correlata também pode ser encontrada em alguns manuscritos latinos. A edição NA[28] optou por manter no texto, ainda que em caráter provisório, "τῇ πίστει/pela fé" apoiando-se nos unciais ℵ*[c], C, K, L, P e Ψ; nos minúsculos 33, 81, 104, 630, 1175, 1241, 1505, 1506, 1739, 1881 e 2464; no Texto Majoritário e nos manuscritos latinos antigos. Opta-se, nesta pesquisa, a partir da sutil superioridade da crítica externa, por manter "τῇ πίστει/pela fé" no texto.

4. Delimitação, forma e estrutura

Paulo, nos primeiros quatro capítulos da carta aos Romanos, apresenta a humanidade, judeus e pagãos, rebelada contra Deus e merecedora de sua ira (1,18-3,20). Entretanto, Deus, em sua misericórdia, não deixou a humanidade nessa condição e resgatou-a, sem distinção de pessoas, através de Jesus Cristo (3,21-30). Em seguida, Abraão é apresentado como "justificado pela fé" ao acreditar que Deus cumpriria as promessas feitas a ele, de modo que viveu sendo fiel a Ele. Com isso, Rm 1,18-4,25 apresenta a nova condição da humanidade: justificada. Por sua vez, Rm 5,1-8,39 apresenta as consequências dessa nova condição na vida das pessoas (Thielman, 2018, p. 464).

Assim, nesse contexto literário amplo, Rm 5,1-5[4] ocupa função de "gonzo" ao unir essas duas seções. Para tanto, Paulo inicia sua argumentação através de uma *transitio*, uma figura retórica que retoma o que fora apresentado e já oferece, de algum modo, o que se seguirá. Portanto, através dessa figura retórica, delimita-se o início da perícope deste estudo. Chama a atenção que a *transitio* (Rm 5,1-2) possui tamanha densidade teológica que também é uma *complexio*, outra figura de retórica, na qual se recapitula a tese apresentada com poucas palavras.

A unidade textual pode ser aferida a partir do encadeamento sintático e pela cons-

4 A grande maioria dos exegetas considera Rm 5,1-11 como uma unidade textual. Esta pesquisa não coloca em questão essa delimitação "clássica". Todavia, a partir do conceito de texto, apresenta-se Rm 5,1-5 como uma unidade textual completa. Aliás, essa delimitação, de alguma forma, também está presente entre aqueles que consideram a perícope como Rm 5,1-11, pois, em geral, definem a primeira seção do texto como Rm 5,1-5.

trução retórica, não apenas nos v.1-2, com a *transitio* e a *complexio*, como também através da *gradatio* nos v. 3-5. Esta última figura retórica, além de conferir coesão ao texto, através da repetição de palavras leva ao clímax na terceira repetição de "ἐλπίς/esperança" (Rm 5, 2.4.5). A repetição do verbo "*καυχάομαι/gloriar*" une os versículos 1-2 aos versículos 3-5. O final da unidade textual desse estudo é identificado pela declaração que pode funcionar como justificativa e chave hermenêutica para as duas partes desse curto trecho: o amor de Deus derramado no coração dos fiéis por meio do Espírito Santo (Rm 5,5b-c). Corrobora essa conclusão o início do v. 6 "ἔτι γὰρ/portanto ainda", já que essa é uma das formas de se fazer uma transição, estabelecendo uma relação, mas também distinguindo duas seções do texto (Jewett, 2006, p. 346). A partir da forma do texto se tem a seguinte estrutura:

transitio	Nova condição humana	1a	Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως Justificados, pois, pela fé
		1b	εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν θεὸν διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo,
		2a	δι᾽ οὗ καὶ τὴν προσαγωγὴν ἐσχήκαμεν [τῇ πίστει] εἰς τὴν χάριν mediante o qual também temos acesso [pela fé] a esta graça,
		2b	ταύτην ἐν ᾗ ἑστήκαμεν na qual permanecemos
		2c	καὶ καυχώμεθα ἐπ᾽ ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ θεοῦ. e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.
gradatio	Elogio da esperança	3a	οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν, Não somente, mas, também nos gloriamos nas tribulações.
		3b	εἰδότες ὅτι ἡ θλῖψις ὑπομονὴν κατεργάζεται, Sabendo, que, a tribulação produz perseverança,
		4a	ἡ δὲ ὑπομονὴ δοκιμήν, a perseverança, maturidade,
		4b	ἡ δὲ δοκιμὴ ἐλπίδα. a maturidade, esperança.
clímax		5a	ἡ δὲ ἐλπὶς οὐ καταισχύνει, E a esperança não decepciona,
conclusão		5b	ὅτι ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações
		5c	διὰ πνεύματος ἁγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν. por meio do Espírito Santo dado a nós.

Fonte: texto grego da NA[28] (NESTLE *et al.*), tradução e tabela do autor.

5. Comentário exegético-teológico

Paulo inicia esta nova seção da carta aos Romanos tendo em vista o que acabara de expor: os crentes foram justificados pela fé no Ressuscitado (Keener, 2009, p. 104). Essa ação divina é expressa por meio de uma forma participial do verbo "δικαιόω/justi-

ficar".[5] Essa raiz verbal deriva do substantivo "δίκη", que significa sabedoria ou instrução. Quando empregada em um contexto religioso, essa raiz conota uma força fundamental que ordena o cosmo, promovendo a convivência harmônica na comunidade humana (Seebass, 1990, p. 404). O verbo "δικαιόω/justificar" ocorre 39 vezes no Novo Testamento e 25 vezes nas cartas paulinas (excluindo as cartas pastorais). Trata-se de um verbo denominativo que, em geral, possui o sentido de justificar, tratar como justo ou conceder uma absolvição (Kertelge, 2005, p. 1000-1013).

Pode-se perceber que o sentido religioso da raiz original se mantém na forma verbal derivada, pois aquele que é justificado é, em certo sentido, reabilitado para uma convivência harmônica na comunidade. Contudo, não se trata de qualquer comunidade, mas da comunidade dos filhos de Deus, pois o agente divino que os justificou lhes conferiu uma nova condição, à semelhança do novo Adão (Moo, 2023, p. 387). Penna observa que, por meio do aoristo, a justificação é apresentada como um ato pontual no passado do crente, com consequências presente: "ter paz com Deus"; e futura: "a glória esperada" (Penna, 2004, p. 420).

Pela forma participial passiva "δικαιωθέντες/justificados", identifica-se o agente da passiva como Deus e o sujeito paciente como os cristãos; assim, a justificação é graça divina. Essa realidade é comunicada por Paulo mediante expressão prepositiva "ἐκ πίστεως/pela fé", que assume a função sintática de adjunto adverbial de causa. Portanto, a justificação não procede de uma ação humana, mas é um dom recebido pela fé. Dado o tempo passado dessa oração participial reduzida, alguns autores sugerem que ela pode remeter ao batismo ou à aceitação do Evangelho, no momento da conversão do crente. Independentemente da ocasião exata a que a justificação se refira, em sentido amplo, segundo Paulo, a justificação procede da paixão, morte e ressurreição de Cristo (Jewett, 2006, p. 344).

Justificados pela fé, os cristãos encontram-se em paz com Deus. Em uma época em que a violência se manifesta de diversas formas – como nas redes sociais, nas periferias ou nas guerras – o leitor pode ser levado a compreender a paz apenas como uma "não agressão". Todavia, o sentido bíblico de paz supera essa concepção: ela é fruto do cumprimento das promessas da aliança (Is 9,6-7; Ez 34,25). Assim, a paz representa uma expressão eloquente da bondade de Deus para com seu povo e é comunicada ao ser humano "διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ/através de Nosso Senhor Jesus Cristo". Isso torna a comunidade dos justificados a comunidade escatológica, na qual a paz prometida se torna realidade por meio de Jesus (Schreiner, 2024, p. 349).

O segundo versículo reforça o papel mediador de Jesus ao afirmar que o acesso a essa graça se dá por ele. A escolha de Paulo pelo substantivo "προσαγωγὴν/acesso" indica que essa dádiva mediada por Jesus possui grande valor. Como observa Käsemann, esse termo assume contornos cultuais, como atestam suas três únicas ocorrências no Novo Testamento (Rm 5,2; Ef 2,18;3,12), todas remetendo a uma forma de "acesso" a Deus (Käsemann, 1990, p. 133).

Ademais, Schmidt aponta uma controvérsia entre os lexicógrafos sobre o sentido principal de "προσαγωγὴν/acesso". Esse termo pode ter um sentido transitivo, signi-

5 A forma lexical dos verbos gregos é a primeira pessoa do singular do presente indicativo. Nesta pesquisa opta-se por traduzir, quando se cita uma forma lexical grega, pela forma lexical portuguesa, a saber, o infinitivo.

ficando introdução ou apresentação, ou intransitivo, denotando acesso ou entrada. Na literatura grega antiga, o sentido transitivo refere-se a uma marcha solene ou procissão religiosa, enquanto o intransitivo aparece em contextos de procissões em que as vítimas eram levadas para o sacrifício cultual. Para Schmidt, as nuances entre os sentidos transitivo e intransitivo são pouco relevantes para a exegese, pois ambos compartilham a ideia de alguém sendo conduzido à presença da divindade.

Outra consideração sobre a semântica "προσαγωγὴν/acesso" é que, fora do ambiente cultual, o termo pode significar "desembarcar em um porto". Metaforicamente, o porto representa um lugar de segurança, proteção e salvação. Uma prece salmódica típica expressa o desejo de estar na presença de Deus, pois Ele é o refúgio em quem o crente encontra proteção (Sl 18,2; 91,2; 119,14). Assim, por meio de uma única palavra, "προσαγωγὴν/acesso", Paulo sugere que o cristão estará na presença de Deus – seu porto seguro – onde encontrará a segurança, a proteção e a salvação que seu coração almeja. Tal dádiva, como já mencionado, é mediada por Jesus (Schmidt, 1990, p. 358-362).

A perícope Rm 5,1-11 inicia-se com grande densidade teológica. Isso é possível porque, retoricamente, Paulo utiliza uma *complexio* e recapitula de uma forma breve a tese apresentada (Bird, 2016, p. 237). Assim, com poucas palavras, ele afirma que os cristãos justificados (um evento passado) estão firmemente na presença de Deus (como o significado de "προσαγωγὴν/acesso" permite inferir), o que lhes permite gloriar-se na esperança da glória divina. Por conseguinte, para concluir a abordagem do período é preciso compreender o significado do verbo "καυχάομαι/gloriar-se". O sentido básico desse verbo corresponde a sua tradução nesse trabalho, ou seja, significa gloriar-se, orgulhar-se, jactar-se. Embora possa ser empregado intransitivamente, o uso predominante no Novo Testamento é transitivo, tornando o objeto verbal imprescindível para compreender a semântica do verbo em seu contexto. Assim, ao examinar o uso de "καυχάομαι/gloriar-se", observa-se que Paulo o utiliza cerca de trinta e cinco vezes com diferentes complementos como esperança (Rm 5,2), em Deus (Rm 5,11), no Senhor (1Cor 1,31), nas debilidades (2Cor 12,9), nas fadigas (2Cor 10,15), nas tribulações (Rm 5,3) etc. (Zmijewski, 2005, p. 2276-2278). Portanto, diante dos complementos utilizados por Paulo, constata-se que a única forma aceitável para os cristãos se gloriarem, direta ou indiretamente, remete a Deus, tudo o mais é vanglória (Hahn, 1990, p. 235).

Isso leva a considerar "καυχάομαι/gloriar-se", na perspectiva paulina, como uma expressão da confiança e da ação de graças em resposta ao ser de Deus e a sua ação no mundo. Representa o êxtase de quem se depara com o *mysterium tremendum et fascinans* contemplado pelo crente na criação e na redenção. Nesse contexto, o objeto do orgulho cristão é designado por "ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ θεοῦ/esperança da glória de Deus". De tal modo, a esperança não deve ser interpretada como uma expectativa ou um ato de confiança em que algum sonho humano se concretize no futuro. Portanto, o cristão prescinde de aspirações imanentes e mundanas; recebe o dom divino e não se acomoda à sua posse, pois se gloria e vive na expectativa de que Deus cumprirá o que prometeu. Aqui, o conceito paulino de "δόξα/glória" distingue-se do sentido grego, pois, enquanto este último compreende "δόξα/glória" como fama ou reputação, Paulo a apresenta como o próprio ser de Deus. Desse modo, "καυχώμεθα ἐπ᾽ ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ θεοῦ/gloriar-se na esperança da glória de Deus" constitui uma forma de confessar ou professar a fé em Deus (Longenecker, 2016, p. 700-701).

No terceiro versículo, o verbo "καυχάομαι/gloriar-se" é utilizado com um obje-

to diferente, agora gloria-se "ἐν ταῖς θλίψεσιν/nas tribulações". Ao analisar o uso que Paulo faz de "θλῖψις/tribulação" (Rm 12,12; 2Cor 1,4), constata-se que essa é intrínseca ao ser cristão, podendo ser, como se lê aqui, motivo de orgulho para aqueles que enfrentam alguma forma de "θλῖψις/tribulação". Paulo emprega "θλῖψις/tribulação" para referir-se a uma ampla variedade de situações, abrangendo desde ocasiões em que ele correu risco de vida ou enfrentou dificuldades extremamente graves (Rm 8,35; 2Cor 1,8; 1Ts 1,6) até situações corriqueiras, como as relacionadas ao casamento (1Cor 7,28). Todavia, "gloriar-se na tribulação" não é uma exultação da capacidade cristã de resistir ao sofrimento ou à perseguição. Embora isso seja louvável, deve-se considerar que o gloriar-se do cristão ocorre exclusivamente em Deus. Assim, o "gloriar-se na tribulação" surge da constatação de que, de todo o mal que aflige o cristão, Deus é capaz de tirar um bem (Thielman, 2018, p. 377-378). A "θλῖψις/tribulação" não envergonha o cristão, pois é o primeiro "ingrediente" da *gradatio*, um recurso retórico em que os termos são repetidos até atingir um clímax, neste caso, o elogio da esperança, fruto do amor de Deus derramado no coração de cada crente (Rm 5,3-5) (Pate, 2015, p. 113).

O primeiro fruto da "θλῖψις/tribulação" é a "ὑπομονή/perseverança". Esta denota, basicamente, tolerar, suportar ou persistir em algo. De modo que, ao aprofundar a semântica de "ὑπομονή/perseverança", ver-se-á que significa perseverar em contextos adversos, suportando males de todos os tipos, resistindo a tribulações inevitáveis, caracterizando-se, portanto, como uma resistência ativa e corajosa, conotando, com isso, uma espera confiante (Hauck, 1971, p. 45). Esse sentido forte, levou a patrística a apresentar a "ὑπομονή/perseverança" como uma virtude cristã adequada para descrever a firmeza dos mártires. Desse modo, Paulo visa a promover uma atitude positiva e proativa diante das adversidades que podem acometer os cristãos. Portanto, em vez de tentar escapar e evitar o sofrimento, ou ainda, lamuriar-se e queixar-se de Deus, os cristãos são encorajados a adotar uma atitude de prontidão para suportar a "θλῖψις/tribulação" (Dunn, 2022, p. 362).

A "ὑπομονή/perseverança" conduz o cristão à "δοκιμή/maturidade". Essa virtude pode ser atribuída a coisas ou a pessoas que foram provadas em guerra. Isso faz com que esse termo conote experimentado, confiável, fidedigno, estimado, atribuindo, assim, à coisa um alto valor e à pessoa um grande respeito (Kittel, 1966, p. 1403-1404). Naquele que enfrenta os sofrimentos decorrentes de ser cristão e persevera em sua fé, desenvolve-se uma força moral, um caráter devidamente atestado. Isso confere-lhe uma estabilidade emocional e grande amadurecimento humano, em que não há espaço para nenhuma forma de conformismo com o sofrimento. Isso ocorre porque irrompe na personalidade desses cristãos uma forte confiança de que a glória futura não é uma ilusão. Assim, antevendo, de certo modo, a futura manifestação de Deus, esses cristãos enfrentam os desafios advindos da vivência de sua fé com serenidade. Desse modo, a "δοκιμή/maturidade" conduz o crente à "ἐλπίς/esperança", na qual a consciência de ser justificado resulta em uma postura otimista diante da realidade. Todavia, acerca do otimismo e da esperança, escreve Barbaglio:

> A esperança cristã não se reduz a um otimismo fácil, nem a uma preguiçosa fuga do presente. É, ao invés, confiante e ativa presença no mundo, apesar de tudo. A abertura ao futuro conjuga-se com a assunção da plena responsabilidade operativa no momento presente. É o paradoxo cristão que encontra aqui uma significativa expressão: 'nos gloriamos também nas adversidades'. Não

> por um sentimento masoquista, mas pela lúcida consciência de que é possível resistir e de que a rendição incondicional não é uma fatalidade (Barbaglio, 1991, p. 197).

A afirmação de Barbaglio pode ser corroborada ao considerar que "θλῖψις/tribulação", "ὑπομονή/perseverança" e "δοκιμή/maturidade", em certa medida, a partir da semântica dessas palavras, podem ser atribuídas a um "herói de guerra". Todavia, de forma sutil, Paulo demonstra que essas virtudes não são, exclusivamente, frutos do esforço humano, mas originam-se do amor de Deus derramado no coração dos cristãos. Assim, o ser humano justificado e configurado ao "novo Adão" não sucumbe às dificuldades do tempo presente, pois o olhar realista, na perspectiva cristã, embora reconheça as vicissitudes do próprio sujeito e de seu tempo, reconhece que, em última instância, a glória de Deus "tem a palavra definitiva". Desse modo, a esperança não decepciona nem envergonha, pois está alicerçada no amor de Deus derramado no coração de cada crente (Dunn, 2022, p. 382).

A densidade existencial e teológica da gradatio (Rm 5,3-5) ensina que a "θλῖψις/tribulação", em certa medida, ocupa um papel essencial na formação humana. É por meio dela que a determinação moral do cristão é posta à prova. Todavia, não se trata de um mero teste, pois nesse cadinho das adversidades são forjadas as características pessoais já mencionadas: "ὑπομονή/perseverança" e "δοκιμή/maturidade". Portanto, não se enfrenta a "θλῖψις/tribulação" com dúvidas sobre a bondade divina, pois isso levaria ao desespero. A esperança cristã, que carrega consigo a confiança e a alegria, confere ao sujeito resiliência. Conforme mencionado, todas essas virtudes são dons de Deus. Embora o sujeito deva cultivá-las, o Espírito, amor que une Pai e Filho, constitui a fonte dessas virtudes e de outras no coração humano (BIRD, 2016, p. 238-239).

6. A maiêutica da esperança cristã

A pergunta que orienta essa pesquisa é: qual é a natureza da esperança cristã na perspectiva paulina? A escolha do título já introduz um elemento crucial para responder a essa questão: a maiêutica. Sócrates tornou conhecida essa forma de se expressar para indicar o seu ofício de "trazer à luz" o conhecimento latente em seus alunos (Platão, 2010, n. 150b-c). Nesse estudo, conceito de maiêutica é adotado de modo análogo ao socrático. A diferença na concepção de maiêutica adotada nessa pesquisa e a socrática se dá pela compreensão da "θλῖψις/tribulação" como sendo a "parteira", não de conhecimentos, abstrações ou teorias, mas de uma virtude essencial para o ser humano: a "ἐλπίς/esperança".

Desse modo, graças ao amor de Deus derramado no coração dos seres humanos, a esperança, dom de Deus, pode manifestar-se mesmo em contextos adversos. Por meio da "θλῖψις/tribulação" inicia-se um "trabalho de parto", no qual a "ὑπομονή/perseverança" e a "δοκιμή/maturidade" trazem à luz a esperança que Deus colocou no coração humano (Rm 5,3-5). Em certo sentido, trata-se de deixar de compreender a esperança de modo abstrato, para compreendê-la tal como uma criança que nasce, tanto concreta e palpável, quanto motivo de alegria e expectativa de superação.

No contexto literário de Rm 5,1-5, um aspecto relevante é o uso do tempo presente

nas formas verbais dos versículos 3 e 4, o que sugere que as tribulações mencionadas por Paulo são atuais, ou seja, ocorrem no momento presente da vida do crente. Embora não se possa negar que os desafios superados conferem sabedoria para enfrentar novas dificuldades, Paulo insinua que é o sofrimento atual. É a dificuldade que cada um enfrenta "no agora" que possibilitará a perseverança, o amadurecimento e o encontro da paz na "ἐλπίς/esperança" (Dana, 2005, p. 34).

No entanto, conceber a "θλῖψις/tribulação" como "parteira" da "ἐλπίς/esperança" pode levar o sujeito a colocar sua fé em xeque, especialmente diante da crise existencial que o sofrimento pode desencadear. Isso ocorre porque o sofrimento do crente, como foi apresentado no comentário, muitas vezes decorre de sua identidade cristã. Paulo não questiona a causa do sofrimento, que em certas circunstâncias pode levar à "anti-esperança", ou seja, ao desespero. Afinal, o mal que causa a "θλῖψις/tribulação" nem sempre é respondido proporcionalmente aos custos, muitas vezes insuportáveis, do sofrimento injusto e trágico na vida do cristão (Beker, 1994, p. 31-32).

Nesse sentido, a "ὑπομονή/perseverança" e a "δοκιμή/maturidade" que frutificam em "ἐλπίς/esperança" exigem uma vida cristã marcada por uma intensa expectativa, característica da tensão entre o "já" e o "ainda não" da redenção obtida através do Mistério Pascal de Cristo. Assim, a "ὑπομονή/perseverança" e a "δοκιμή/maturidade" não são cultivadas por meio do triunfalismo ou vitórias fáceis, mas por uma vida de oração e ação, na qual "ἐλπίς/esperança" supera, a cada "θλῖψις/tribulação", o medo e o desespero (Ong, 2016, p. 52-53).

Portanto, a esperança cristã – e o otimismo que dela nasce – não nega a "θλῖψις/tribulação", mas ancora-se na fidelidade de Deus, que não apenas justifica o crente, mas também garante sua permanente presença, como a semântica de "προσαγωγὴν/acesso" permite afirmar (Rm 5,2). Dessa forma, a "θλῖψις/tribulação" desencadeia uma série de virtudes morais, demonstrando que a esperança, dada por Deus, é cultivada mediante o progresso nessas virtudes (Harrisville, 1991, 184-185).

Em suma, a esperança emana de um relacionamento saudável com Deus e consigo mesmo, de modo que o crente não seja absorvido pela "θλῖψις/tribulação" que o aflige. Com o coração repleto do amor de Deus, ele persevera com maturidade em seu caminho, sem se envergonhar de possíveis derrotas temporárias, enquanto se encaminha para a vitória definitiva: seu lugar na pátria celeste.

A esperança cristã, na perspectiva paulina, leva os crentes a caminharem com os pés firmes no chão, sem negar ou fugir do sofrimento. No entanto, em sua interioridade, eles estão em paz com Deus, pois seu coração, transbordante do amor divino nele derramado, os impulsiona a seguir decididamente, com os olhos fixos em Cristo Jesus (Fl 3,16). Nesse sentido, a esperança não se consuma apenas no fim da história. A vida, com seus acertos e erros, alegrias e tristezas, vitórias e derrotas torna a esperança patente em cada ocasião em que Deus se manifesta. Assim, o crente tem sua esperança justificada pela presença permanente daquele que o criou e o justificou (Tillich, 2009, p. 375-376).

7. Considerações finais

A segmentação e a tradução de Rm 5,1-5 não apresentam grandes dificuldades. Entretanto, para apresentar o sentido literal, ou seja, a *intentio auctoris*, optou-se por tra-

duzir as virtudes mencionadas em Rm 5,3-4 por termos que comuniquem ao leitor contemporâneo a semântica dessas palavras em seu contexto original – como se pode observar no comentário exegético de "δοκιμή/maturidade". Nessa tradução, buscou-se, na medida do possível, manter a ordem das palavras da língua de partida, exceto se a compreensão na língua de destino pudesse ficar comprometida.

Rm 5,1-5 é um texto que goza de grande integridade em sua transmissão, como atestam as poucas variantes textuais existentes. Além disso, a forma e concatenação sintática e semântica conferem ao texto coesão e coerência, reforçando a unidade textual de Rm 5,1-5. Se a estrutura do texto evidencia tanto a habilidade do autor quanto a beleza formal do texto, por meio das inúmeras figuras retóricas utilizadas, o comentário exegético, por outro lado, demonstra que a beleza do texto não reside apenas na sua forma, mas sobretudo na densidade dos termos escolhidos por Paulo.

Desse modo, Rm 5,1-5 apresenta a esperança cristã, não como um otimismo ingênuo e alienado, nem como algo ilusório. Embora seja um dom de Deus, a esperança, uma virtude teologal, está intimamente relacionada com as virtudes morais da perseverança e da maturidade. Com isso, entende-se que a semente da esperança, dada por Deus, é cultivada não apenas pela Graça, mas também pelo esforço humano.

Portanto, a esperança cristã, na perspectiva paulina, não gera a expectativa de soluções mágicas e imediatas. Conscientes de que o amor divino foi derramado em seus corações, os crentes são impelidos a perseverar nas tribulações com maturidade. Dessa forma, por meio de seu testemunho, mais pessoas podem entrar na dinâmica da maiêutica da esperança, na qual a Graça de Deus e o esforço humano se unem para vencer o mal e construir relações humanas e uma sociedade em conformidade com o Coração de Jesus.

Referências

BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1991.

BEKER, J. C. Vision of Hope for a Suffering World: Romans 8:17-30. *The Princeton Seminary Bulletin*. Princeton, v. 15, p. 26–32, 1994.

BIRD, Michael, *Romans*. Grand Rapids: Zondervan, 2016.

DANA, Mary Ann McKibben. 'Suffering, Endurance, Character, Hope: Romans 5:1-11'. *Journal of Preachers*. Montreal, n. 28, p. 33–36, 2005.

DUNN, James. *Comentário à carta de Paulo aos Romanos*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2022.

GONZAGA, Waldecir; ARAUJO, Filipe Henrique, "O reino dos céus será semelhante a dez virgens": Análise de Mt 25,1-13. *Estudos Bíblicos*. São Paulo, v. 39, n. 148, p. 271-283, 2023.

GONZAGA, Waldecir; ARAUJO, Filipe Henrique. "E vendo-o, foi compadecido e cuidou dele": Análise da parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37). *Revista Davar Polissêmica*. Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 260-278, 2024.

HAHN, Hans-Cristoph, gloriarse (καύχημα). *In:* COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans (ed.). *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1990. v. 2, p. 234-236.

HARRISVILLE, Roy. Romans 5:1-5. *Interpretation: A Jounal of Bible and Theology*, Thousand Oaks, v. 45, n. 2, p. 181–185, 1991.

HAUCK, Friedrich. ὑπομονή. *In:* KITTEL, Gehard; FRIEDRICH, Gehard (ed.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1971. v. 7, p. 44-66.

JEWETT, Robert. *Romans: A Commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 2006.

KÄSEMANN, Ernst. *Commentary on Romans*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990.

KEENER, Craig. *Romans: A New Covenant Commentary*. Cambridge: The Lutterworth Press, 2009.

KERTELGE, Karl. δικαιόω. *In:* BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (ed.). *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2005. v. 1, p. 1000-1013.

KITTEL, Gerhard. δοκιμή. *In:* KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gehard. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1966. v. 2, p. 1403-1404.

LONGENECKER, Richard. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2016.

MOO, Douglas. *Romanos*. São Paulo: Vida Nova, 2023.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (ed.). *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart:Deutsche Bibelgeselschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

ONG, Hughson. Suffering, reconciliation, and eschatological hope in Romans 5.1-11: A linguistic analysis. *Filología neotestamentaria*. Cordoba, v. 28/29, n. 48/49, p. 39–55, 2016.

PATE, C. Marvin. *Romanos*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

PENNA, Romano. *Lettera ai Romani:* introduzione, versione, commento. Bologna: EDB, 2004.

PLATÃO. *Teeteto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

SCHMIDT, Karl. προσαγωγὴν. *In:* KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gehard (ed.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento.* Brescia: Paideia, 1965. v. 1, p. 358-362.

SCHREINER, Thomas. *O comentário de Romanos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2024.

SEEBASS, Horst. Justicia. *In:* COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans (ed.). *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1990, v. 2. p. 404-411.

THIELMAN, Frank. *Romans*. Grand Rapids: Zondervan, 2018.

TILLICH, Paul. The Right to Hope: Text: Romans 4, 18: »In hope he believed against hope«. *Neue Zeitschrift für systematische Theologie und Religionsphilosophie*, Berlin, v. 7, n. 3, p. 371–377, 2009.

ZMIJEWSKI, Joseph. καυχάομαι. *In:* BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gehard (ed.). *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2005. v. 1, p. 2276-2288. KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João:* Amor e fidelidade. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 149-161.

KONINGS, Johan. Jesus ou os pobres? Análise redacional e hermenêutica de Jo 12,1-8. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n 25, 1993.

KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos Canônicos e da Fonte Q*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2025.

MARTELLI, Luna. L'unzione di Betania: per la resurrezione di un re e di un dio (Gv 12,1-8). *Eikasmos*, Bologna, v. 20, p. 227–242, 2009. Disponível em: https://www2.classics.unibo.it/eikasmos/eik_pdf/2009/Martelli_09.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

NESTLE, Eberhard; ALAND, Kurt; ALAND, Barbara (eds.). *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

RIDDERBOS, Hermans. *The Gospel according to John:* A Theological Commentary. Michigan; Cambridge, Willian B. Eermans Publishing Company, 1997.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *The Gospel according to St John*. Tunbridge Wells: Burns & Oates, 1980. v. II.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
© 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

Revista Oficial da
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica